

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Curso de Especialização em Psicologia Clínica:
Gestalt-Terapia e Análise Existencial

Lira Gazzola Barbosa

**SONHOS EM TEMPOS DE PANDEMIA:
uma análise fenomenológica de relatos oníricos**

Belo Horizonte

2021

Lira Gazzola Barbosa

**SONHOS EM TEMPOS DE PANDEMIA:
uma análise fenomenológica de relatos oníricos**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Drº. Paulo Eduardo R. A. Evangelista

Belo Horizonte

2021

150 Barbosa, Lira Gazzola.
B238s Sonhos em tempos de pandemia [recurso eletrônico] :
2021 uma análise fenomenológica de relatos oníricos / Lira
 Gazzola Barbosa. - 2021.
 1 recurso online (37 f.) : pdf
 Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.

 Monografia apresentada ao curso de Especialização em
 Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial -
 Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
 Filosofia e Ciências Humanas.
 Inclui bibliografia.

 1.Sonhos. 2.Psicoterapia 3.Fenomenologia. 4.Boss,
 Medard, 1903-1990. I. Evangelista, Paulo Eduardo
 Rodrigues Alves. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III .Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

SONHOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE RELATOS ONÍRICOS
LIRA GAZZOLA BARBOSA

monografia defendida e aprovada, no dia **dezesseis de agosto de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista - Orientador
FAFICH/UFMG

Carlos Eduardo Carvalho Freire Externo

Belo Horizonte, 15 de outubro de 2021.

Prof^a. Dr^a. Claudia Lins Cardoso Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 15/10/2021, às 09:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 15/10/2021, às 17:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1022293** e o código CRC **8CAE1D8B**.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por me acolher de tantas formas.

À toda minha família, pelo apoio, amor e ensinamentos ao longo de todos esses anos (Eliana, Marília, Ronaldo, Alice, Julia, Mariah e Regina). E aos seus integrantes felinos e caninos (Naná, Pagu, Bá e Tarô), por tornarem os momentos de isolamento social mais afetuosos e suportáveis.

Aos meus amigos Júlia, Paula, Lucas e André, pelas mensagens e videochamadas em tempos de pandemia para dividir memes, angústias, risadas, conquistas e memórias. Houve ainda aquelas que se empolgaram junto comigo pelo tema e processo de escrita da monografia. Obrigada pelas presenças, ainda que à distância.

Ao Gabriel, por seu amor, carinho, escuta, companhia nas cervejinhas dos finais de semana e por podermos compartilhar nossos sonhos, nos dois sentidos da palavra.

Ao meu orientador, Profº Drº Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista, não apenas por todo amparo na construção da presente monografia, mas por me apresentar a análise fenomenológica de sonhos quando eu ainda estava na graduação. Este trabalho verdadeiramente começou na disciplina de Análise Existencial em 2019/2.

RESUMO

É possível observar ao longo de toda a história da humanidade que as experiências oníricas atraíram incontáveis civilizações na busca pelo esclarecimento da sua origem, explicitação dos seus processos e a interpretação dos seus conteúdos. No campo da psicologia, Medard Boss, um dos precursores da Daseinsanalyse, parte da compreensão do sonhar dentro de uma perspectiva fenomenológica heideggeriana e utiliza o conceito de Dasein para fundamentar toda a condição da existência humana, incluindo aqui, o sonhar. Ainda que os precursores da Daseinsanalyse reconhecessem amplamente as contribuições da análise de sonhos, enquanto desvelamento do modo de existir do sonhador, para a prática clínica, um levantamento inicial evidenciou o reduzido número de produções nacionais a respeito. Por reconhecer sua potência, o trabalho teve por objetivo geral apresentar uma análise fenomenológica de três relatos oníricos. No primeiro capítulo, exponho a fundamentação teórica da perspectiva daseinsanalítica do sonhar, a partir de duas produções: “O sonho e a existência”, escrito por Binswanger, e “Na noite passada eu sonhei...”, de Medard Boss. No segundo capítulo, apresento uma breve contextualização do projeto de pesquisa “Sonhos Confinados”. Nele, os pesquisadores articulam psicanálise e política como forma de compreender as narrativas de sonhadores brasileiros coletados durante o período de pandemia. No terceiro capítulo, busco demonstrar, a partir de três relatos retirados desta obra, a diferenciação teórica e prática entre a leitura psicanalítica e fenomenológica do sonhar. Para isso, utilizo alguns referenciais analíticos propostos por Medard Boss: lugar-de-mundo da sonhadora; a quais fenômenos a existência da sonhadora está aberta; afinação que determina a forma de se comportar; e como a sonhadora se conduz em relação ao que lhe é revelado no seu mundo onírico. Parto do pressuposto de que os relatos analisados desvelam aspectos da experiência de se viver no Brasil em 2020/2021.

Palavra-chave: Daseinsanalyse; Sonhos; Análise fenomenológica; Medard Boss.

ABSTRACT

It is possible to observe throughout humanity's history that dream experiences have attracted civilizations in the search for clarification of its origin, explain its processes and interpret its contents. In Psychology studies, Medard Boss, one of Daseinsanalyse's forerunners, comes from the understanding of dreaming within a heideggerian phenomenological perspective and uses the concept of Dasein to substantiate the entire condition of human existence, including dreaming. Although the forerunners of Daseinsanalyse recognized the contributions of dream analysis for clinical practice in unveiling the dreamer's way of existing, an initial research found few national scientific productions about it. Considering its potency, the general objective of this study is to present a phenomenological analysis of three dream reports. In the first chapter, I describe the theoretical foundation of the daseinsanalytic perspective of dreaming, based on two studies: "The dream and existence", written by Binswanger, and " I Dreamt Last Night...", by Medard Boss. In the second chapter, I present a brief contextualization of a study called "Confined Dreams", in which researchers articulate psychoanalysis and politics to understand the Brazilian dreamers' narratives during the pandemic period. In the third chapter, I try to demonstrate the theoretical and practical differentiation between psychoanalytic and phenomenological reading of dreaming, using three dream accounts collected by "Confined Dreams". I use some analytical references proposed by Medard Boss: place-of-the-world of the dreamer; to which phenomena the existence of the dreamer is open; attunement that determines how to behave; and how the dreamer conducts him or herself in relation to what is revealed in the dreamworld. I have the hypothesis that the analyzed reports unveil aspects of the experience of living in Brazil in 2020/2021.

Keywords: Daseinsanalyse; dream; phenomenological analysis; Medard Boss.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ANÁLISE DE SONHOS NA DASEINSANALYSE	12
1.1 Os sonhos na Daseinsanalyse de Ludwig Binswanger	12
1.2 Os sonhos na Daseinsanalyse de Medard Boss	15
2 SONHOS NA PANDEMIA	21
3 ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE SONHOS NA PANDEMIA	27
3.1 O sonho de Raquel	27
3.2 O sonho de Liz	29
3.3 O sonho de Anna	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

Possuo uma postura de fascínio diante da experiência do sonhar desde a minha infância, pois meus próprios sonhos sempre assumiram um mistério que me atraía. Minha atitude era de certa curiosidade em relação a esses eventos. Até onde me lembro, já me interessava por ouvir e relatar sonhos. Durante a adolescência, antes de iniciar qualquer processo psicoterapêutico, mantive um caderno para anotar sonhos que me mobilizaram de alguma forma. Foram poucos relatos pelo cotidiano corrido de acordar com despertador e ter que me arrumar rapidamente para sair de casa. Mas eu tinha a impressão de que os conteúdos narrados geralmente revelavam algo sobre o que eu estava vivendo naquele momento. Por exemplo, sonhar repetidamente com situações que eu também me via estagnada em vigília. Ainda que eu não tivesse essa leitura, hoje vejo que sempre foi uma forma de me aproximar de mim mesma.

Já me chamava a atenção o fato de cada um possuir experiências tão singulares e diversas em relação às suas vivências oníricas. Qual não foi meu choque, quando, alguns anos atrás, descobri que é comum para uma parcela da população sonhar em preto e branco (O'CONNOR, 2008). Para mim era dado por certo sonharmos com as mesmas cores que enxergamos no estado desperto. Apesar da minha busca ativa pela temática, algo simples assim só chegar ao meu conhecimento anos mais tarde, me fez refletir o quanto conversamos pouco sobre algo que vivemos todos os dias. É ainda mais surpreendente quando pensamos que são experiências comumente marcadas por afetividades intensas e percepções surreais.

Durante a minha graduação em Psicologia, observei que no contexto acadêmico, o interesse pelo tema é ainda menor. Quando colocado em pauta, é majoritariamente pelo seu referencial biológico. A contemporaneidade é caracterizada por um distanciamento para com aquilo que escapa da lógica, racionalidade, previsibilidade e produtividade (POMPEIA, 2011). Ora, os sonhos podem ser considerados justamente uma dessas atividades que fogem dessa métrica. Assim o estado onírico foi excluído dos debates dentro e fora da academia, nos últimos anos, apesar de se estipular que passemos 20% das nossas horas de sono sonhando (MILHORIM *et al.*, 2013). Ou seja, nos debruçamos insuficientemente sobre o tema em comparação com a sua magnitude tanto em termos qualitativos quanto quantitativos.

Mas nem sempre foi assim. Binswanger (1930/2002) reconheceu que ao longo de toda a história da humanidade, as experiências oníricas atraíram incontáveis civilizações na busca pelo esclarecimento da sua origem, explicitação dos seus processos e a interpretação do seu conteúdo. Sabe-se que na Grécia Antiga, o sonhar era tratado como mensagens proféticas

enviadas pelos deuses sagrados e poucos humanos tinham o dom ou conhecimento para decifrá-las. Quando as divindades foram destituídas da sua posição de poder pelo advento da Filosofia, os sonhos passaram a ser compreendidos como elaborações do homem por si mesmo, sendo pessoalmente responsáveis pela própria experiência (BINSWANGER, 1930/2002). Foram, então, os filósofos gregos e romanos um dos primeiros – que se tem conhecimento - a refletirem sobre a possível relação entre o mundo onírico e a biografia do sonhador. Esta questão será aprofundada mais adiante.

Seguindo o percurso do interesse ocidental pelas experiências oníricas, Milhorim *et al.* (2013) apontam para a transformação do sonho em objeto de estudos científicos a partir do século XIX. A biologia e a neurobiologia tentam trazer respostas através da causalidade positivista, não se aproximando propriamente da análise do seu conteúdo, mas buscando os mecanismos naturalistas envolvidos no “seu funcionamento”. É também neste período que Freud inaugura as chamadas “Psicologias Profundas”, e embora não fosse o foco central da psicanálise, lança “*A Interpretação dos sonhos*”, em 1900, quando funda a pensamento de que o conteúdo latente dos fenômenos oníricos são manifestações de desejos inconscientes. Desse modo, o sonhar conquista um viés analítico, constituindo fonte de acesso ao inconsciente através do método interpretativo.

Com Freud (1900/1987), “Difteria” no sonhar tornou-se “disenteria” na análise, cavidades nasais representavam órgãos sexuais femininos, uma injeção significava o desejo reprimido de se vingar do amigo, sonhar com as dores orgânicas de uma paciente foi interpretado como o desejo de isenção da culpa do próprio psicanalista sonhador pelo sofrimento dessa mulher. Nota-se com isso o caráter da abordagem psicanalítica em distorcer aquilo que é desvelado pelo sonhar. Para o autor, o sonho é a realização encoberta de um desejo inconsciente recalçado a ser revelado. Cada sonho representa um enigma proveniente do inconsciente como forma de romper as barreiras repressivas do superego. Seguindo essa lógica, cabe ao paciente junto ao analista desvendar os mistérios do inconsciente por essa via considerada facilitadora do acesso. Mas como confirmar um inconsciente que age a partir de um desejo inacessível ao próprio desejante ou ainda de outras instâncias que servem para barrá-lo? E o que garante ao desejo o título de única fonte da produção onírica?

No último período do curso de graduação, em uma disciplina de Introdução à Análise Existencial, ministrada pelo Prof^o Dr^o Paulo E. R. A. Evangelista, tive contato com a análise de sonhos para a Daseinsanalyse, abordagem de base fenomenológico existencial. Baseada em Medard Boss, a proposta era inteiramente diferente do que já havia conhecido até então, pois mantinha o sonhador o mais próximo possível da sua própria experiência onírica. O trabalho

final da disciplina consistiu em descrever e analisar três sonhos que eu mesma vivi. Foi me atendo rigorosamente ao descrito que observei o quanto algo tão simples evidenciava aspectos tão profundos da minha vida em vigília: afinidades, modos de me relacionar, forma de perceber o mundo, como sou tocada pelo que me atinge, como reajo, o sentido que eu atribuía a determinados fenômenos e a ampliação do que enxergava como caminhos possíveis até aquele momento. Pela primeira vez na graduação de Psicologia, vislumbrei a potencialidade do sonhar enquanto recurso para processos terapêuticos, não mais como mera especulação. Assim, os sonhos passaram a ocupar um espaço dentro de um campo de estudo maior que é a existência humana.

Os precursores da Daseinsanalyse, como Boss (1979) e Binswanger (1930/2002), reconheciam amplamente as contribuições do sonhar, enquanto desvelamento do modo de existir do sonhador, para a prática clínica. Mas, atualmente, pouco é explorado pelos profissionais a respeito. De acordo com Santos (2008) e Milhorim *et al.* (2013), no Brasil, são pouquíssimos os pesquisadores fenomenológico existenciais que se debruçaram no assunto. De acordo com Milhorim *et al.* (2013): “O maior número de estudos pode favorecer a sistematização dos conceitos e pressupostos que fundamentam o trabalho psicológico, evitando confusões e distorções na aplicação de técnicas e em sua interpretação” (p. 93). Portanto, enquanto psicóloga clínica que atua no contexto psicoterapêutico na perspectiva fenomenológico-existencial, acredito na relevância de se pesquisar sobre a análise de conteúdo onírico como uma ferramenta para ampliar as possibilidades existenciais do cliente.

Formada no início de 2020, comecei a atender como psicoterapeuta na abordagem fenomenológico existencial no contexto de disseminação da nova variante do Coronavírus. A doença COVID-19 foi declarada como pandemia pela OMS em 11 de março de 2020. Minha primeira divulgação ofertando meu serviço psicoterapêutico foi no dia 6 de abril de 2020, na modalidade online, levando em consideração as recomendações de distanciamento social. Observamos a transformação do mundo que a gente conhecia em poucas semanas: os modos de nos relacionarmos, cenário político, a proximidade com a morte, a invasão das nossas casas pelo “home office”, distanciamento social, quarentena, lockdown, crescimento das atividades virtuais de modo exponencial, colapso do sistema de saúde no Brasil e em diversos países, etc. Os impactos para a subjetividade são indiscutíveis, porém ainda são imensuráveis.

Foi também nesse período que participei como psicóloga voluntária no projeto de extensão Plantão Psicológico realizado no Serviço de Psicologia Aplicada da FAFICH/UFMG, por meio de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Ademais, realizei praticamente toda minha especialização em “Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e

Análise Existencial” também em Ensino Remoto Emergencial (ERE). Neste curto período de trajetória profissional, apenas dois clientes trouxeram seus conteúdos oníricos para o encontro terapêutico. Ambos relataram de modo detalhado os sonhos que lhe acometeram e explicitaram o desejo de se debruçarem sobre os fenômenos expostos, o que trouxe importantes repercussões para tais processos.

Apesar da minha tímida experiência profissional com a análise de sonhos, estudos apontam que no primeiro semestre da quarentena, a população mundial aumentou seu interesse pelo que sonhavam (DUNKER *et al.*, 2021b). Diversas páginas e fóruns online foram criados a fim de discutir e relatar conteúdos oníricos. As pessoas afirmaram que estavam sonhando mais ou se lembrando melhor do que sonharam na noite anterior. Além disso, essas vivências eram consideradas mais intensas (DUNKER *et al.*, 2021b). A partir disso, grupos de pesquisas em psicanálise de diversas universidades brasileiras, alguns deles já envolvidos com a análise de sonhos psicanalítica em articulação com a política, criaram um grupo de pesquisa-intervenção multicêntrica: “Sonhos confinados em tempos de pandemia”. A partir desse trabalho, em março de 2021, foram lançados os primeiros resultados e discussões compilados em um livro (DUNKER *et al.*, 2021a). A obra foi essencial para o presente trabalho de conclusão do curso pelo seu rico acervo de relatos oníricos.

Diante do exposto, objetivo apresentar como é realizada a análise de sonhos utilizando o método fenomenológico. No primeiro capítulo, busco esclarecer o modo como o sonhar é fundamentado e seus conteúdos analisados na perspectiva da Daseinsanalyse. Pautado pela metodologia fenomenológica heideggeriana, Medard Boss foi um dos precursores da Daseinsanalyse e possui duas obras completas dedicadas à temática. Até agora, apenas uma delas foi traduzida para o português, tradução essa que uso como principal referencial para a análise de sonhos. No segundo capítulo, apresento uma breve contextualização do projeto de pesquisa “Sonhos Confinados”, organizada por Dunker *et al.* (2021a). Nele, os autores articulam psicanálise e política como forma de compreender as narrativas de sonhadores brasileiros recebidas no período de pandemia. Além disso, trago exemplificações de algumas dessas interpretações. No terceiro capítulo, busco demonstrar, a partir de três relatos extraídos da obra de Dunker *et al.* (2021a), a diferenciação teórica e prática entre a leitura psicanalítica e fenomenológica do sonhar. Para isso utilizo alguns referenciais propostos por Medard Boss. Pela orientação primordial de se ater estritamente à vivência descrita, é possível analisar fenomenologicamente conteúdos oníricos sem a presença do próprio sonhador (BOSS, 1979). Também parto do pressuposto de que essas narrativas desvelam aspectos da experiência de se viver no Brasil em 2020/2021.

1 ANÁLISE DE SONHOS NA DASEINSANALYSE

1.1 Os sonhos na Daseinsanalyse de Ludwig Binswanger

O psiquiatra Ludwig Binswanger foi o primeiro autor, no campo da Psicologia, a desenvolver uma leitura fenomenológica acerca dos sonhos, em contraposição aos métodos naturalistas e psicanalíticos predominantes na época (SANTOS, 2004). Binswanger (1930/2002) utilizou a fenomenologia de Heidegger para compreender as estruturas imanentes à existência humana e considerou o sonhar como uma das formas de manifestações desses traços. Em “Sonho e a Existência”, como o próprio nome sugere, Binswanger propõe uma análise do sonhar a partir de uma das estruturas fundamentais da existência que é o seu movimento de ascensão e queda. Esse artigo foi uma das bases para o surgimento do que chamou, em um primeiro momento, de "Daseinsanalyse Psiquiátrica" (BOSS E CONDRAU, 1976). A Daseinsanalyse de Binswanger pode ser apontada, então, como um novo método de compreensão não apenas do sonhar, mas do ser humano.

Heidegger buscou determinar a natureza fundamental do homem, denominado pelo mesmo como ser-aí (Dasein). Ser-aí é ser abertura ao que vem ao seu encontro, logo, o existir não é delimitado apenas por sua corporeidade. Mas esse traço ontológico também carrega em si o dever de ter de escolher, a todo momento, que tipo de relação estabelecerá com os entes que se apresentam em sua clareira de mundo. O “aí” de “Ser-aí” significa “aí no mundo”, portanto, Dasein é sempre ser-aí-no-mundo. Isso significa que a existência humana é sempre relacional, em um mundo compartilhado com o outro (BOSS E CONDRAU, 1976). Consequentemente, a compreensão daseinsanalítica do sonhar também parte do conceito de Dasein. É com Binswanger que “o sonhar passa a ser entendido com base na estrutura existencial que compõe o homem enquanto ser humano” (SANTOS, 2004, p.36). Nessa perspectiva, o sonhar não é tratado como produto da ação interna de um psiquismo, mas um modo de ser da existência do homem, sendo então, entendido como uma vivência humana.

Em sua obra acerca dos sonhos, Binswanger (1930/2002) retoma algumas das compreensões do sonhar na história ocidental, apontando sua intrínseca relação com a própria construção da noção de homem. Sabe-se que na Grécia Antiga, os sonhos eram tratados como mensagens proféticas enviadas pelos deuses sagrados e poucos humanos tinham o dom ou conhecimento para decifrá-las. Nem mesmo entre os primeiros filósofos havia uma

delimitação clara entre acontecimentos internos, externos ou divinos, pois se levava em consideração a totalidade do cosmo, sendo o homem “parte do todo”. O que tinha por pressuposto um universo harmonioso e ordenado por forças superiores. Hoje em dia, essa suposição é encontrada em superstições, principalmente, ligadas aos sonhos. Já a filosofia e ciência contemporânea possuem uma óptica mais naturalista, que divide corpo e psique (BINSWANGER, 1930/2002).

Apesar de não haver a diferenciação entre subjetividade e objetividade, dentro e fora, a construção do conhecimento de mundo dos gregos era permeada pela oposição entre dia e noite, escuridão e claridade, no qual os sonhos pertenciam à noite e sua interpretação à iluminação do dia. A gênese filosófica para as teorias contemporâneas da subjetividade centrada no indivíduo, no qual encontramos a distinção entre sujeito e objeto, se localiza precisamente na diferenciação encontrada na Grécia Antiga entre sonho e vigília (BINSWANGER, 1930/2002).

Quando as divindades foram destituídas da sua posição de poder pelo avanço da Filosofia, os sonhos passaram a ser compreendidos como elaborações do homem por si mesmo, sendo pessoalmente responsáveis pela própria experiência. Em contraposição à unidade divina, Cícero, filósofo grego, baseado na ciência empírica, foi um dos primeiros a criticar a interpretação profética dos sonhos. Já Lucrécio comparava as experiências em vigília (ocupações, desejos, medos, dentre outras) e os conteúdos oníricos. Foram, então, os filósofos gregos e romanos os pioneiros a refletirem sobre a possível relação entre o mundo onírico e a biografia do sonhador à medida que questionavam também a noção de indivíduo, apartando-a dos deuses (BINSWANGER, 1930/2002).

Binswanger (1930/2002) retoma Hegel, em consonância com Heráclito, quando busca a apreensão da verdade objetiva. Heráclito diferenciou a vigília dos sonhos a partir da cisão entre mundo comum (*koinos kosmos*) e mundo próprio (*idios kosmos*). Independentemente de estar dormindo ou desperto, o sonhar possui caráter individual, sendo um mergulho no seu mundo particular. Para ele, o "pensamento próprio" é devaneio, o que já diz sobre sua compreensão do sonhar. Tanto Heráclito quanto Hegel objetam que a experiência considerada particular é enganosa, pois a objetividade, entendida aqui como “verdade”, é sempre compartilhada. O mundo para Heráclito não possuía um significado essencialmente objetivo, mas um estado subjetivo de união. União essa realizada pela linguagem e pela razão, tanto para compreender quanto para ser compreendido. Ou seja, enquanto a experiência desperta é de abertura a um mundo compartilhado com os demais, que Binswanger chama, a partir de

Heráclito, de *koinós kosmos*, no sonho, abre-se um mundo exclusivamente ao sonhador (*idios kosmos*). O mundo onírico só pode ser compartilhado com outrem em vigília.

Binswanger (1930/2002) dá especial atenção à estrutura ontológica de “afundamento” por considerá-la a fonte que alimenta a linguagem, a poesia e o sonhar. Essa expressão descreve o momento que o Dasein é lançado no sentido de cima para baixo (verticalidade), não o seu corpo, mas a sua existência. Ocorre no rompimento da harmonia com o mundo exterior, na falta de apoio, na perda da sustentação, na decepção, e é marcado pela tonalidade afetiva da angústia. Todo o Dasein se volta momentaneamente para o afundamento. A descrição é equivalente ao que Boss (1981) chama de “desenraizamento”. É a experiência de tomar consciência, como ser-aí que somos, que podemos não mais ser aí. Enquanto vivemos, podemos morrer.

Esse impacto também pode ter a direção contrária, para cima, no sentido da libertação. A esse respeito, Feijoo (2011) diz que nesse momento, onde o Dasein é colocado diante da sua insignificância e finitude, num radical esvaziamento do seu ser, ele também pode despertar para seu poder-ser-aí, um despertar para suas possibilidades de realização. O sonhar é um modo particular do Dasein se aproximar da angústia do desenraizamento que o acomete sem que ele saiba como: “O Dasein é trazido diante de seu ser” (BINSWANGER, 1930/2002). O Dasein não produz o sonho, mas o sonho é que vem a ele. O que o Dasein faz é a história da sua vida, a partir daquilo que lhe acontece. É essa passagem que marca o limite entre sonho e vigília para Binswanger (1930/2002). O momento da indagação e da ação pertencem ao homem em vigília.

Dito isto, não é uma coincidência que a imagem de ascensão e queda esteja presente nas mitologias, obras artísticas e no sonhar. Binswanger (1930/2002) aponta para a recorrência de representações da estrutura ontológica - afundamento e elevação - utilizando pássaros, principalmente, em conteúdos oníricos. A presença é marcante mesmo quando falamos de tempos e modos de existir tão diversos. A representação do sujeito do Dasein no mito, na religião, na poesia e no sonhar pode ser realizada a partir de aspectos outros que não um corpo, justamente por ele não ser definido apenas por sua forma exterior. Aqui, Binswanger (1930/2002) localiza como base a compreensão da sua estrutura ontológica. O próprio dirigir-se para baixo ou para cima é que define o Dasein, não qualquer forma sensível específica, assim, ele se mostra sob mil formas, ao mesmo tempo que em nenhuma. O modo de representação do sonho é a personificação dramática. Nele, a própria dor pode cair como uma segunda pessoa (BINSWANGER, 1930/2002).

Enquanto Freud prioriza o conteúdo latente, Binswanger aprofunda no conteúdo manifesto, analisando, principalmente, a relação entre a tonalidade afetiva e a imagem. Para o autor, ambos os elementos constituem expressão única do Dasein, sendo secundário qual elemento se expressa mais fortemente. O que importa é o tema que envolve ambos. Na análise dos sonhos, é necessário descobrir que estrutura é abarcada pelas representações oníricas afetivas e imagéticas, a partir da biografia do sonhador, que muitas vezes estão encobertas por outras figuras e personagens. O foco então se encontra no conteúdo, não na sua forma.

A respeito das contribuições da análise de sonhos para uma leitura psicopatológica do sonhador, Binswanger (1930/2002) aponta como possível indício de intenso sofrimento psíquico as ocasiões em que as representações imagéticas e dramáticas são eclipsadas pela tonalidade afetiva. Conteúdos dramáticos fantasiosos e intensos não necessariamente indicam transtorno psiquiátrico, pelo contrário, são considerados um sinal de saúde mental. Por outro lado, considera preocupante quando os sentimentos se sobrepõem significativamente aos dramas, personificações e evocações imagéticas. Ou seja, são experiências de completa dissolução do "eu" (BINSWANGER, 1930/2002).

1.2 Os sonhos na Daseinsanalyse de Medard Boss

Medard Boss, quem utilizo para a fundamentação da concepção do sonhar na presente monografia, foi outro importante teórico fenomenológico-existencial que se aprofundou significativamente no tema. A escolha foi influenciada por uma das suas duas obras dedicadas aos sonhos, *Na noite passada eu sonhei*. Nela, o autor busca, assim como Binswanger, uma aproximação no que toca a natureza do sonhar e sua relação com a compreensão da existência humana. Ainda traz de modo minucioso considerações acerca da prática de análise dos sonhos no campo da psicoterapia.

Para isso, além de introduzir o leitor a uma explicação fenomenológico-existencial da experiência onírica, ele também analisa inúmeros exemplos de sonhos reunidos ao longo dos seus atendimentos clínicos ao redor do mundo ou enviados por colegas psicoterapeutas. Os sonhadores eram de diversos países, o que fortaleceu a hipótese de Boss (1979) de que tais relatos desvelam aspectos da própria natureza humana e não representavam apenas uma cultura ou localidade geopolítica específica. O que não significa excluir tudo aquilo que eles revelam acerca do mundo habitado por aquele que sonha. Medard Boss também elucida as semelhanças e diferenças entre os modos de existir no mundo onírico e desperto. Dentre as

semelhanças, cabe destacar o ponto principal defendido pelo autor quando traz, de maneira ilustrada, como os sonhos integram a historicidade de um mesmo Dasein.

Após anos de experiência com a interpretação de sonhos seguindo a abordagem psicanalítica, Boss (1979) passa a criticar a maneira como as ciências naturais e a psicanálise, principais correntes de pensamento da época, se debruçavam sobre o sonhar. Na década de 70, pesquisas envolvendo a medição das diferentes ondas cerebrais para identificar os múltiplos estágios do adormecimento constataram que sonhamos mais do que lembramos. Eles localizaram a experiência onírica durante o chamado “sono REM”. Entretanto, Boss (1979) argumenta que identificar que sonhamos quando é possível medir determinada onda cerebral não elucida nada além disso, afinal, não se aproxima em nada do estado onírico enquanto experiência humana.

Em relação à psicanálise, por sua própria prática nessa abordagem, suas críticas atravessaram diversos pontos. A primeira delas diz do fato de a interpretação, como o próprio nome sugere, impor um significado alheio aos eventos oníricos, se afastando justamente do que interessa, o material a ser analisado. Desse modo, ele é “deformado” para se encaixar em teorias prévias. Boss (1979) narra um experimento envolvendo a interpretação de um mesmo sonho por diversos psicanalistas: o resultado foram análises completamente discrepantes, cada profissional tentou encaixar sua própria teorização no conteúdo relatado. O que prova a inaplicabilidade do método freudiano.

Ademais, se o conteúdo manifesto deve ser “decodificado” pelo psicanalista, isso significa que ele jamais é aquilo que aparenta ser. Logo, implica em reconhecer uma instância intrapsíquica que age independentemente da consciência, alterando e mascarando o conteúdo do sonhar (BOSS, 1979). Dessa forma, o próprio sonhador é enganado por uma suposta força endopsíquica. A essa suposição, Boss (1979) responde que não há evidência alguma para confirmá-la e acusa Freud de dividir, ao menos teoricamente, a integralidade humana em duas (consciência e inconsciente), pois apenas funcionando como duas partes distintas seria possível uma “enganar” a outra. Ou seja, apenas uma parte do sonhador controla o que deve aparecer, o que ser encoberto e como encobrir.

Freud coloca como cerne para sua interpretação a afirmação de que todos os sonhos são, na verdade, a realização de desejos inconscientes, mesmo aqueles aparentemente desagradáveis. O psicanalista utiliza os sonhos em que a realização de desejos aparece explicitamente como um dos seus argumentos. A isso, Boss (1979) refuta utilizando flores como exemplo. O fato de existir flores brancas não prova que todas as flores coloridas são flores brancas encobertas. Além disso, o desejo é sempre desejo de algo, logo, não é lógico

pressupor um desejo inconsciente que não possua algo desejável. Assim como tocamos, cheiramos ou pensamos em algo. Desejar é sempre direcionado a um objeto ou não seria desejo.

Passando para a análise daseinsanalítica dos sonhos, propriamente dita, Boss (1979) se opõe ao elemento possessivo que costumamos utilizar para nos referirmos aos estados oníricos. O autor argumenta que não faz sentido dizer que “temos” um sonho, por não se tratar de um objeto que podemos possuir, sendo mais fidedigno à experiência entendermos como um modo de ser específico. Quando sonhamos, existimos enquanto sonhadores. O sonho acomete a clareira de mundo do Dasein como qualquer outra experiência quando a pessoa se encontra desperta. O ser-no-mundo onírico, portanto, é um modo de existir semelhante ao ser-no-mundo em vigília, pois ambos partem de um mesmo Dasein, algo elementar na análise de Boss. Isso posto, são modos de estar no mundo que se relacionam com os entes iluminados por sua clareira, em ambos os estados podendo intervir ativamente no que lhes acontece (SANTOS, 2004). Portanto, os sonhos não são representações de desejos distorcidos por uma força endopsíquica que não temos controle, mas um modo de existir tal qual ele se mostra. O que elimina a necessidade de malabarismos teóricos que distorcem a vivência do sonhar para realmente a compreendermos.

Em sonho: ocupamos um espaço; experienciamos o passar do tempo, ainda que geralmente de modo distinto da vigília; não perdemos nossa noção de “eu”; constantemente nos deparamos com a nossa finitude; e talvez a perspectiva mais estranhada de todas, mas sim, temos um corpo. Corpo esse que cai, corre, se machuca, respira, tem prazer e algumas vezes chega a voar. Logo, como qualquer modo de ser-no-mundo, o sonhar funda-se também nos chamados existenciais, ou seja, traços que constituem ontologicamente a existência humana: espacialidade, temporalidade, afinação, historicidade, mortalidade e corporeidade (BOSS, 1979).

Contudo, para entendermos a concepção do sonhar dentro da Daseinsanalyse de Medard Boss (1979) é necessária uma atenção redobrada ao existencial historicidade. O motivo se deve à análise ser realizada com base no relato do sonho, ou seja, o relato de um evento passado, evocado pela memória, que já foi presente. Heidegger afirma que, assim como qualquer outra memória de eventos em estado desperto, o conteúdo onírico constitui a história de vida de quem sonha e depende justamente dessa história biográfica para acontecer (SANTOS, 2006).

Para Boss (1979) a continuidade histórica não é interrompida pelo sonhar. Inclusive, o autor exemplifica que geralmente não perdemos a noção de “eu” entre esses dois modos de

existência humana, fundamentalmente, histórica. Ademais, o passado sonhado é retido na memória da mesma forma que qualquer experiência do passado desperto. Pelo seu caráter histórico, não faz parte apenas do passado, mas também do presente e do futuro, pois a memória se revela no presente e a biografia, a que o sonho também integra, se lança para o futuro, influenciando o comportamento em vigília do sonhador.

A afinação é outro dos existenciais explorados de forma mais aprofundada por Boss (1979), pois ela está intimamente ligada ao jeito como os entes são percebidos pela abertura do Dasein. Assim, uma existência humana pode estar, em determinado momento, afinada com a tristeza, alegria, tédio etc., conseqüentemente influenciando no que permitimos que apareça. Um exemplo dado pelo próprio autor é a afinação com o pânico, no qual apenas aquilo que é ameaçador consegue ser captado pelo Dasein. No sonhar, não é diferente, e por sua intensidade, pode colaborar na sua explicitação de modo mais evidente. Ou seja, pode ser um importante indicativo da afinação de um Dasein.

Há, contudo, algumas importantes distinções entre a vigília e o sonhar (BOSS, 1979). A primeira e mais elementar diz respeito ao campo de abertura perceptiva e a liberdade experienciada entre esses dois modos de existência. Se num primeiro momento, o senso comum pode pressupor que o mundo onírico é mais aberto, com modos mais amplos e livres possíveis de existir, principalmente por seus elementos “absurdos”, que desafiam as leis das ciências da natureza, Boss (1979) defende o contrário. Deixando de lado esses fenômenos considerados bizarros pela consciência, percebe-se que ser-no-mundo desperto possui uma amplitude em sua clareira muito maior que o onírico.

Tal restrição do sonhar se deve, principalmente, aos entes serem apreendidos, de modo geral, através da percepção sensorial concreta e imediata. Conseqüentemente, há pouca reflexividade sobre os acontecimentos do sonhar, pelo Dasein estar tomado pelo mundo “externo” que se apresenta à sua percepção. Logo, tudo o que não é apreendido imediatamente pelo sensorial no sonhar retrocede a um plano de fundo, diminuindo a capacidade do sonhador para atividades abstratas, como atribuir significações, auto reflexividade enquanto ser-no-mundo, projeto de futuro, imaginação etc. Assim, para Medard Boss, apesar de serem modos de existir de um mesmo Dasein, não considerando um “mais real” do que o outro, são estruturalmente “modos distintos de experienciar essas realidades” (SANTOS, 2006, p. 349).

Por essa restrição de abertura do sonhar, Boss (1979) considera o estado desperto como abertura - ampliada - para perceber outros sentidos que caracterizam a relação do Dasein com seu mundo onírico. Aproximar-se dessa compreensão pode desvelar sua condição

existencial, ou seja, quais possibilidades existenciais são permitidas que apareçam ou não, uma vez que ambos os modos de existir dizem respeito a um mesmo Dasein. Desde já, é possível estabelecer o potencial da análise de sonhos enquanto recurso psicoterapêutico na prática clínica. Nas palavras do psiquiatra:

Assim, uma imagem onírica pode levar o Dasein a analisar como ele mesmo se relaciona em seu mundo; com que afinações o Dasein está vivendo; quais seus modos de relacionamento com os entes intramundanos, especificamente com o conteúdo significativo que a imagem onírica aponta. Pode-se perguntar então: que significados estão relacionados com a imagem sonhada pelo Dasein? Que aspecto fenomênico está aberto para a apropriação do Dasein? Quando desperto, o Dasein poderá voltar sua atenção para âmbitos de seu mundo que não estavam apropriados anteriormente. (BOSS, 1979, p. 10)

O seu limite de abertura é exatamente sua potência terapêutica de colocar diante da percepção do sonhador significações que ainda não eram evidentes ao Dasein de modo tão direto no estado de vigília. Ao psicoterapeuta fenomenológico-existencial interessa esclarecer que mundo é esse que o ser-no-mundo habita (CYTRYNOWICZ, 1985). Com isso, oportuniza que a pessoa localize na sua existência desperta o modo como se relaciona com os entes do seu mundo, a partir do universo onírico (BOSS, 1979). O objetivo da análise de sonhos é o de possibilitar ao paciente:

(...) a capacidade de dispor livremente de todas suas possibilidades relacionais, e de escolher de forma responsável qual delas ele levará a cabo, de modo que ele e tudo aquilo que encontra no seu mundo evoluam até a plenitude do seu ser (BOSS, 1979, p. 111).

Conseqüentemente, “a tarefa do daseinsanalista será exatamente a de convidar o paciente a visualizar essas possibilidades de viver ainda irrealizadas que se apresentam no sonho” (SANTOS, 2004, p. 39).

Assim, para uma análise mais fidedigna do sonhar, evitando interpretações nos quais seus sentidos são atribuídos externamente por especulações teóricas, Santos (2004) sintetiza o que Medard Boss propõe como indicações aos psicoterapeutas que queiram utilizar a metodologia analítica fenomenológico-existencial. Talvez o mais crucial, diferenciando o método das interpretações dos sonhos de cunho psicanalítico, relaciona-se ao fato dos entes oníricos não significarem nada mais do que aquilo como eles se revelam ao sonhador, assim, “um cachimbo é apenas um cachimbo” e não possui a capacidade de representar um objeto fálico ou qualquer outra leitura dessa natureza.

Entretanto, Cytrynowicz (1985) realça que se ater ao que aparece tal qual ele se mostra não significa uma mera descrição dos fatos, mas de um desvelamento fenomenológico. Ou

seja, aproximar o sonhador da compreensão de quais fenômenos há abertura para se mostrarem tais como são, o que não está sendo permitido aparecer, como ele se porta diante do que lhe acomete no sonhar e a afinação preponderante a que sua existência se encontra naquele momento. Dessa forma é possível alcançar uma “compreensão do sonhador sobre sua existência pela analogia que ele estabelece entre os acontecimentos oníricos e a situação vivencial que experiencia no desenrolar de sua história biográfica” (SANTOS, 2004, p. 40).

2 SONHOS NA PANDEMIA

Em março de 2020, após a confirmação oficial da pandemia de Covid-19 pela OMS, nos deparamos com “outro mundo”, no qual máscaras, álcool em gel e distanciamento social se tornaram partes da nossa rotina (DUNKER *et al.*, 2021b). O novo coronavírus é transmitido por vias aéreas e é responsável por complicações respiratórias agudas graves em parte dos infectados, sobrecarregando o sistema de saúde e levando uma parcela dos contaminados a óbito. Segundo o Ministério da Saúde (Brasil, 2021), entre 17 de março de 2020 e 19 de junho de 2021, o Brasil atingiu o triste marco de 500 mil mortes confirmadas pelo novo coronavírus e totalizou 17 milhões de brasileiros infectados.

Além de uma crise sanitária a nível global, em que um organismo microscópico evidencia a finitude e a vulnerabilidade da condição humana, o Brasil também enfrenta uma crise política, onde o próprio governo federal oferece resistência às medidas de proteção contra a disseminação do vírus, como o uso de máscara, quarentena e vacinação em massa; propaga *fake news* nas suas redes de comunicação oficiais; e tenta oferecer soluções sem embasamento científico (BRUM, 2021; DUARTE; CÉSAR, 2020). Em junho de 2021, enquanto escrevo essas linhas, observo no país o relaxamento das medidas de distanciamento social, atraso na distribuição das vacinas e o aumento dos números de casos após um breve período de estabilização em índices já considerados bastante elevados (VALENTE, 2021; BIENARTH, 2021). Levando em consideração o exposto, o cenário brasileiro pode ser considerado catastrófico.

Ainda nos primeiros meses de pandemia, grupos de pesquisa de diversas universidades brasileiras, principalmente ligados à psicanálise em articulação com a política, notaram um interesse crescente da população mundial pela temática dos sonhos (DUNKER *et al.*, 2021b). A movimentação em torno do tema se deu principalmente através das redes sociais e fóruns online. Pessoas de diferentes lugares relataram sonhos mais vívidos e intensos. A partir desse dado, formou-se um grupo de pesquisa-intervenção multicêntrica intitulado “Sonhos confinados em tempos de pandemia”. Atualmente o estudo engloba pesquisadores majoritariamente psicanalistas da UFRGS, USP, UFMG e UFRJ. A primeira obra com os resultados e discussões preliminares do projeto foi lançada em março de 2021. Entre abril de 2020 e o início de 2021, mais de 900 relatos foram coletados e analisados. Ao menos 100 desses sonhadores foram escutados posteriormente, visando, inclusive, efeitos terapêuticos rápidos. O presente capítulo constituirá uma espécie de síntese da obra, trazendo alguns

pontos que ajudam a compreender como se dá uma interpretação psicanalítica e política do sonhar.

Os autores partiram do pressuposto de que as questões políticas e sociais do atual cenário brasileiro pandêmico estavam presentes nas narrativas singulares dos seus sonhadores, tecendo, portanto, uma malha representativa da coletividade nacional. “Isso porque a vida onírica testemunha questões que constroem nosso tempo social, político e cultural” (DUNKER *et al.*, 2021b, p.18). Assim, se analisados conjuntamente, os sonhos captam elementos do período histórico em que ocorreram. A psicanálise, principal teoria que embasa o projeto, não foi considerada apenas como uma clínica do sofrimento individual, mas também como pensamento crítico para questões coletivas. Por conseguinte, não era intenção dos autores interpretar os sonhos nos moldes individuais freudianos, ainda que para eles, as atividades oníricas sejam produtos de manifestações do inconsciente, logo, uma das suas vias privilegiadas de acesso. O sonhar foi classificado como uma das formas de conflitos subjetivos inconscientes chegarem à superfície, conectando desejos recalcados e vivências em vigília compartilhadas socialmente (DUNKER *et al.*, 2021c).

O livro parte inteiramente da aposta de que os sonhos são uma das maneiras que o homem possui de processar o novo real diante de cenários disruptivos e traumáticos, ou seja, daquilo que foge da capacidade psíquica do sujeito de simbolizar o evento, devido à ausência de recursos simbólicos necessários ou mecanismos de proteção suficientes para lidar com o acontecimento. Por ultrapassar nossas teias simbólicas, o episódio traumático é experienciado como angústia. Dessa forma, o trauma é repetido no sonho para ser processado, mas é simbolizado, representado ou narrado através da combinação de outros elementos oníricos retirados da própria biografia do sonhador (IANNINI *et al.*, 2021a). O sonhar é um trabalho psíquico que possibilita a elaboração de acontecimentos que não tínhamos recursos para processar até então, por exemplo, uma pandemia.

Os autores elencam alguns pontos que julgam corroborar com a hipótese de que o sonhar é um modo para elaboração psíquica de uma realidade ainda precária em representações. Dentre eles, foi a constatação da "estabilização da atividade onírica" durante a pandemia à medida que as pessoas foram se apropriando deste novo contexto. Em termos quantitativos, a situação não melhorou, inclusive, piorou. Entretanto, foi possível observar uma adaptação à nova rotina, ainda que a situação tenha se agravado (IANNINI *et al.*, 2021a). Com o mundo onírico não foi diferente. As pessoas relataram voltar a sonhar com coisas similares ao que sonhavam antes da pandemia. Os sonhos atípicos do primeiro semestre da pandemia deram lugar às experiências mais comuns. Além disso, os sonhadores ouvidos

contaram que já não se lembravam com a mesma recorrência que nos meses anteriores e o número de sonhos enviados caiu significativamente até o final de 2020. O interesse pelo tema observado nos primeiros meses diminuiu à medida que o cenário e o novo coronavírus se tornaram mais conhecidos.

Outra informação complementar a essa leitura foi que, na maior parte das narrativas, a palavra “quarentena” foi substituída pela palavra “pandemia” após os meses iniciais (IANNINI *et al.*, 2021b). Os pesquisadores atribuem a isso justamente a representação da passagem de um contexto incerto e estranho para uma realidade dura, porém, melhor compreendida (RODRIGUES *et al.*, 2021). Hoje em dia, é considerado ordinário que as máscaras integrem a vida onírica, se tornando o “novo normal”.

Como apresentado, o contexto de crise que estamos vivendo rompeu com o que considerávamos “normalidade”. Não houve desaceleração, mas um corte abrupto em nosso cotidiano, com demandas produtivas, quiçá mais “urgentes”. Portanto, é inegável o que os autores (DUNKER *et al.*, 2021b) trazem como a necessidade humana, em tempos pandêmicos, de elaboração do que ocorreu e continua acontecendo. Entretanto, se tomarmos o que Boss (1979) considera o cerne do sonhar, ou seja, um modo de existir do Dasein tanto quanto o estado em vigília, não precisamos de malabarismos teóricos para explicarmos o crescente compartilhamento e interesse da população pelo sonhar em um momento como esse. Ora, se os entes que aparecem em nossa clareira de mundo compartilhado estão mais bizarros, estranhos e até surreais, evidentemente que isso também se intensificará no nosso mundo onírico, afinal, estamos falando de um mesmo Dasein.

Além disso, parece natural o interesse pela linguagem não-técnica aumentar. Enquanto há um embate político pelo discurso científico entre as práticas baseadas em evidências e o negacionismo, foram as nossas próprias vivências que se tornaram mais intensas. Sendo assim, enquanto se fala de números de mortos, distanciamento social, vacinação em massa e corrupção política, nossos sonhos trazem de forma evidente nossos lutos, saudades, esperanças, esperas, revoltas, medos, conflitos etc. Dito de outro modo, evidenciam como realmente somos afetados, lidamos e nos relacionamos com tudo isso que nos acontece.

Talvez, um aspecto que aproxima a obra da concepção daseinsanalítica do sonhar é a convicção de que as vivências oníricas não são apartadas dos laços, biografia, história e contexto que o indivíduo está inserido. Portanto, são relatos que dizem respeito à vivência daquele sujeito em um tempo, espaço e sociedade específica. Falar sobre o conteúdo sonhado retrata a experiência de ser e estar em um cenário de pandemia tão válido quanto falar sobre tais momentos despertos, ainda que seja reconhecida enquanto uma outra via narrativa. Por

isso os autores acreditam que o material coletado constitui um “testemunho fundamental de uma experiência histórica e social” (DUNKER *et al.*, 2021b, p.15).

Iannini *et al.* (2021b) ilustram como o grupo multicêntrico conduziu suas análises sem descolar a psicanálise do seu viés sócio-político. Para tal, utilizaram o termo “casa”, palavra recorrente nas descrições dos sonhos dos brasileiros que participaram da coleta de dados. “Casa” carrega significados comuns a períodos históricos-políticos distintos. Embora esse seja um elemento analisador, por outro lado, também foi colocado em questão a multiplicidade de sentido que “casa” carrega, devido à construção biográfica singular de cada sujeito. A escuta oferecida foi um momento privilegiado para os participantes buscarem nos seus “restos diurnos” possíveis relações com seus elementos oníricos. Dito isso, analisar os relatos coletados durante a pandemia como um conjunto de narrativas que representam um contexto sócio-político específico não implica em concluir que todos experienciam a pandemia da mesma forma.

Ainda que haja uma preocupação maior durante as análises de se manterem mais próximos aos conteúdos relatados do que o observado em Freud (1900/1987), é possível notar o seu cerne psicanalítico a partir da pressuposição de uma instância psíquica - o inconsciente - que transforma restos diurnos e conflitos recalcados em elementos oníricos outros como forma de elaboração. Assim, asseguram uma força superior interior e desconhecida pelo próprio sujeito que o ajuda a simbolizar, incluindo o traumático. Cabe ao psicanalista, junto ao analisando, decifrar, por meio da interpretação, sua mensagem enigmática (ROSA *et al.*, 2021). Se por um lado há uma preocupação em detalhar as dimensões oníricas, principalmente as relações que o sonhador estabelece com outras pessoas que aparecem, espaço, temporalidade, sua afinação e modos de lidar com os acontecimentos, é comum interpretar um elemento como representação de algum outro.

Quando Iannini *et al.* (2021a) verificaram que uma das palavras mais recorrentes nos relatos era “mãe”, eles concluíram que, na verdade, ela se remete ao “desamparo” e “indeterminação” dos tempos atuais, e desejo, portanto, de “proteção”. Os autores também conectaram seu significado oculto a outras duas palavras frequentes: “casa” e “pai”. “Mãe” e “casa” representam o desejo do “retorno a um lugar conhecido”. “Pai”, por sua vez, pode ser simbolizado por figuras de autoridades, incluindo as políticas, e representam as demandas impostas pelo real, neste caso, o pandêmico. Cabe destacar o declínio do poder dessas figuras de autoridade durante a pandemia. A palavra “pai” aumentou sua recorrência nos relatos à medida que “mãe” diminuiu. Assim, Iannini *et al.* (2021a) julgaram haver um jogo de deslocamentos entre angústia de indeterminação materna e determinação paterna. Segundo

eles, os relatos, interpretações enviadas pelos próprios sonhadores e o material gerado pela escuta foram igualmente considerados.

Não é necessário que pessoas e acontecimentos políticos apareçam de modo explícito para que seja confirmada a associação entre o sonhar e o contexto histórico-político que está inserido. Porém, Dunker *et al.* (2021c) perceberam que dentre as figuras públicas de destaque, os personagens políticos do cenário brasileiro, como presidentes, governadores, prefeitos, ministros e generais se revelaram consideravelmente mais aos sonhadores. Além disso, tais presenças aumentaram em meados de maio de 2020, à medida que a crise política se intensificava. Por isso, um capítulo foi dedicado a esses sonhos que envolviam diretamente pessoas e eventos do cenário político. Os autores consideraram os relatos descritos e os comentários posteriores que os sonhadores realizaram durante suas interpretações. Por exemplo, o sonhador que sofreu em primeira pessoa uma facada, acreditando, em vigília, ter sido ele próprio o Bolsonaro no episódio em que foi esfaqueado. Segue abaixo um sonho extraído do capítulo mencionado e uma breve descrição como tais conteúdos foram interpretados pelos autores.

Estávamos viajando em um ônibus, junto comigo estavam algumas pessoas conhecidas, alguns professores. Em um momento do sonho a Dilma estava conosco e ela era muito idosa e frágil. Chegamos no centro da minha cidade e estava muito congestionado, havia barricadas impedindo o fluxo dos carros, mas ao mesmo tempo muitas pessoas estavam nas ruas, em clima de Carnaval. Preocupado com o fato da Dilma estar a bordo, começamos a mostrar ela pela janela para que as autoridades nos deixassem passar. Em outro momento quem estava junto conosco era o Bolsonaro. Ele estava sentado nos bancos da frente, vestindo um terno, até que uma mulher começou a falar com ele sobre o governo, fazer alguns apontamentos, algumas críticas. Ele, do jeito Bolsonaro, ouviu respondendo alguns dos comentários. No fim ela abraçou ele, mas foi uma cena estranha, como se ele fosse um ser asqueroso, meio natimorto, mas ela buscasse se desculpar por ter o pressionado. Então um colega, N. (professor de português – muito inteligente e crítico ao Bolsonaro), resolveu começar um “textão” oral. Começou um discurso que dava para notar que o Bolsonaro não estava acompanhando e não se interessava, principalmente pelo fato do N. ser gay. No outro momento era eu que tentava falar com o Bolsonaro, ele foi comigo para o meio do ônibus, para longe dos outros e, em pé, eu comecei a falar para ele, de uma maneira muito acolhedora e polida, para tentar chamar a atenção dele, que estava havendo um problema de comunicação, que ele não estava governando para todos e isso não era inteligente. Ele começou a ficar impaciente, mas de um jeito “querido” e sugeriu que eu mandasse um e-mail para ele com minhas sugestões. Eu falei que não adiantaria, porque ele não leria. Ele falou que era pra eu mandar com o título “sugestões ônibus X”. A minha intenção era ser ouvido, parecia que dava para ajudar com algo se ele ouvisse e entendesse o que eu queria dizer (DUNKER *et al.*, 2021c, p.191).

Na análise que se seguiu ao relato, considerou-se a atmosfera do sonho, quem sonhou e com quem sonhou, a relação e reações que o sonhador teve para com aquelas pessoas e

acontecimentos específicos. A centralidade do narrador na história, o ambiente fechado do ônibus e a presença de colegas de profissão, professores e conhecidos para além das figuras presidenciais são mencionadas. Como apontado, a atmosfera externa do ônibus difere do clima interno. A obstrução das ruas sem um motivo explícito é lida como uma alusão à quarentena e o trânsito de pessoas ocorre apesar do bloqueio. Ambos os governantes apresentam fragilidades: Dilma Rousseff por seu corpo físico e Jair Bolsonaro por sua incapacidade de ouvir. Dilma Rousseff é transformada na simbolização da nossa “democracia frágil”. Diferentemente dos seus conhecidos, o sonhador consegue se aproximar de Jair Bolsonaro, conversar com ele de modo mais íntimo e reservado, além disso, é sobre quem fornece mais informações a respeito. A realização do desejo inconsciente oculto é localizada no: “tratar pela palavra os conflitos provenientes do campo social político brasileiro” (DUNKER *et al.*, 2021c, p. 204) e a elaboração em jogo é o medo da normalização de atitudes antidemocráticas e autoritárias.

Também foi apontado como alguns políticos mencionados ocupavam posições similares para diversos sonhadores brasileiros que estão enfrentando este mesmo período histórico. Por exemplo, Dilma Rousseff constantemente se apresenta como alguém frágil ou que precisa de ajuda. Jair Bolsonaro apareceu em vários sonhos com conteúdos violentos e atmosfera de medo e insegurança. Aqui, cabe a ressalva de que a maioria das participantes dessa pesquisa foram mulheres, ensino superior incompleto ou completo, profissionais da saúde e da educação.

Gurski e Perrone (2021) nos convidam para o “despertar” e relatar seus próprios sonhos como modo de enfrentamento e resistência. Neste contexto, o despertar pode ser lido tanto metaforicamente quanto literalmente. O sonho, enquanto momento privilegiado para elaborações, pode ser um elemento crítico e que abre possibilidades para o questionamento, a transformação social e o acordar de um torpor, até mesmo, político.

O meu interesse na produção organizada por Dunker *et al.* (2021a) foi, principalmente, pelos relatos oníricos que o livro possui em abundância. Além disso, o acervo tem o diferencial de ter sido coletado durante a pandemia de Covid-19, o que possibilita nos aproximarmos de como os sonhadores têm experienciado este período. Algumas das narrativas são acompanhadas com comentários do próprio sonhador a respeito, provenientes do espaço de escuta ofertado, além de dados básicos como idade, ocupação e gênero. Assim, no próximo capítulo, selecionarei algumas dessas descrições a fim de analisá-las sob a ótica da Daseinsanalyse.

3 ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE SONHOS NA PANDEMIA

Todas as narrativas oníricas utilizadas para a construção desse capítulo foram coletadas durante a pandemia do novo coronavírus entre abril de 2020 e fevereiro de 2021 e retiradas da obra organizada por Dunker *et al.* (2021a). Os nomes das sonhadoras são fictícios. Dentre os inúmeros relatos publicados, selecionei três deles a fim de analisá-los a partir de uma perspectiva daseinsanalítica. Parto da compreensão de que todos os sonhos nos revelam algo acerca do modo de existir do Dasein e são, portanto, elegíveis para a presente análise. Entretanto, optei por ao menos um conteúdo onírico que remeta diretamente à pandemia na intenção de ilustrar as diferenças na leitura psicanalítica e daseinsanalítica da relação entre o contexto atual e os sonhos.

Pensando na fundamentação teórica de Boss (1979), utilizo quatro referenciais para guiarem as análises. São eles: lugar-de-mundo da sonhadora; a quais fenômenos a existência da sonhadora está aberta; afinação que determina a forma de se comportar; e como a sonhadora se conduz em relação ao que lhe é revelado no seu mundo onírico (BOSS, 1979; BOSS, 1998). Essas são dimensões que fundam qualquer modo de existir, incluindo o sonhar. No nível experiencial, tais analisadores se mesclam e foram explicitados aqui apenas para uma melhor visualização do que foi investigado em cada passagem.

3.1 O sonho de Raquel

Sonhei que estava numa casa que não era minha, e estava cheia de gente. Entraram umas pessoas de máscara, acho que eram todos homens, e eles usavam máscaras de pano. Essas mesmas que usamos na pandemia. Eles iam matar a gente. Eu sai correndo da casa e consegui ir pra rua. Estava de noite, a rua estava vazia. Eles vieram atrás de mim. Eu comecei a correr e precisava gritar “socorro” para me salvar. Só assim eu iria me salvar. Eu abria a boca, fazia esforço e o grito não saía. Eu ia morrer. Me esforcei muito para gritar, eu estava correndo. Até que eu acordei (de verdade) gritando “socorro”, e muito cansada, como se estivesse correndo. Fiquei cansada todo o dia. Raquel, 50 anos, 26 de maio de 2020 (IANNINI *et al.*, 2021b, p.51-52).

O relato é breve e pouco detalhado. O que poderia ser encarado como uma limitação ou empecilho para a análise, na verdade, é mais um elemento que nos revela sobre o modo de existir de Raquel. O seu mundo onírico é marcado pelo infamiliar¹. A casa não era sua. As

¹ Aproxima-se do conceito alemão “unheimlich”, em sua tradução literal, “não-em-casa”, para se referir ao que é “estranho”. O termo é utilizado por Heidegger para caracterizar a “angústia” que, como um estado-de-ânimo do Dasein, modula o que é permitido que apareça na clareira de mundo do Dasein. No caso da angústia, apesar do Dasein perceber-se ameaçado, não é capaz de apontar o que exatamente o ameaça, marcado, muito mais, por um sentir-se estranho (“unheimlich”) em relação aos entes tais quais eles se mostram. O estranhamento desnuda a condição de ser-aí-no-mundo do Dasein ao impedi-lo de permanecer imerso na familiaridade do cotidiano compartilhado do seu mundo (EVANGELISTA, 2015).

ruas vazias. Todas as figuras que aparecem são desconhecidas ou, ao menos, não ocupam um lugar de proximidade. A residência estava cheia de gente, mas como um agrupamento uniforme onde ninguém se destacou a ponto de ser mencionado. Não sabemos nada sobre aqueles que estavam ao seu redor. Nem mesmo seus assassinos, pois tinham o rosto coberto por máscaras. Nenhum ente está perto o suficiente para ser íntimo ou ter identidade.

Em sua abertura de mundo, a sonhadora não permite que outras pessoas se apresentem singularmente, permanecendo afastadas. As poucas que se aproximam são perigosas de tal modo que aniquilará sua existência. Cabe destacar que são figuras aparentemente masculinas que despertaram o pavor e a fuga. É possível afirmar que o distanciamento para com os homens é significativamente maior a ponto de nem os seus rostos serem permitidos que apareçam. Eles se apresentam como meras hipóteses: “acho que eram todos homens”. Também é verdade que ela não se relaciona com ninguém da casa antes, durante ou após o ataque. Raquel não tem ninguém com quem possa contar durante os eventos que sucedem. Mesmo com a casa cheia, ela não compartilha da situação com quem está vivendo o mesmo perigo que ela. Ao contrário, corre para ruas que estão escuras e vazias, onde não existe qualquer presença para quem possa pedir socorro. Dito de outro modo, ela sai de um local lotado para procurar ajuda em um lugar vazio. Não há nenhum diálogo durante toda a narrativa. Ela não consegue se comunicar mesmo quando tanto está em jogo. Nada sai da sua boca.

No momento em que os homens mascarados entraram na casa, a sonhadora prontamente concluiu que corria o risco de morrer. Ela tem convicção do plano deles, apesar de eles nada expressarem a ela. Também não houve explicação do motivo para a tentativa de assassinato em massa e nem de correrem atrás dela em particular. Não ocorreu qualquer conflito prévio, apenas uma certeza de que aqueles homens mascarados eram perigosos. Diante da ameaça a sua reação é correr para longe o mais rápido possível. Raquel também disse que precisava gritar por “socorro” para se salvar, como uma ordem superior, sem saber o porquê ou endereçar seu grito a alguém específico. Não é possível observar uma apropriação da sonhadora pelo que acontece ou faz.

Apesar da relação que a própria sonhadora faz com as máscaras que usamos na pandemia, não podemos afirmar que os homens assassinos representam o novo coronavírus ou qualquer espécie de interpretação do gênero. Quando Raquel menciona a pandemia foi apenas para explicar o tipo de máscara que eles usavam. Esse não foi um tema que apareceu diretamente no seu sonho em momento algum. Segundo Boss (1979) é preciso “deixar que os elementos do mundo do sonho se conservem exatamente como eram quando se revelaram ao

sonhador” (p. 42). Sendo assim, os homens utilizando máscaras de tecido permanecem como homens utilizando máscaras de tecido. Máscaras essas, que no sonho propriamente dito, não são objetos usados para se proteger, mas para esconderem as identidades dos seus atacantes. É, portanto, uma barreira que mantém a sonhadora impossibilitada de (re)conhecer tais homens.

A afinação do sonho é de tamanho medo e desespero que a sonhadora acorda gritando. Quando sua vida corre perigo, é toda a sua existência que se encontra ameaçada. A afinação determina o caráter de abertura do Dasein, ou seja, funciona como uma espécie de filtro que barra alguns entes de aparecerem e destaca outros (Boss, 1979). Isso fica evidente no relato quando Raquel não nos conta como estava se sentindo antes das pessoas mascaradas chegarem, o único sentimento distinto surgiu após o perigo se instalar. E foi ele que definiu os passos da mesma: correr para fora da casa e gritar por socorro. Portanto, tudo nos indica que é alguém afinada com o pânico, no qual aquilo que ameaça possui centralidade na percepção do indivíduo. O perigo é reconhecido assim que adentra no recinto. De um lado a sonhadora corre de homens que considera perigosos, mas ela corre também para buscar a ajuda de alguém. Como dito anteriormente, o seu grito é endereçado a todo mundo e ao mesmo tempo a ninguém. É uma corrida solitária.

3.2 O sonho de Liz

Minha irmã e eu fomos a um bar, no momento em que tudo já havia retornado. Nesse bar tinham uns amigos [...]. [Eu] pedia à minha irmã para ir comigo ver se umas amigas estavam chegando. Nesse percurso, de muita árvore, tinha uma coruja de tamanho humano, a parte de trás era uma coruja e a parte da frente era uma mulher. Ela fazia o som da ave e falava a nossa língua, dizendo para nos proteger, que aquele era o momento da folhagem. Nesse momento um monte de pássaros embarçava em nossos cabelos e eu tentava prender o meu cabelo. Ao sair daquele ciclo, ficamos cheias de pena e folhas no cabelo. Ao retornar, com as amigas que encontramos, para a roda do bar. Começaram a aparecer vários redemoinhos pela cidade. E para nos proteger entramos para o bar da esquina. [...]. Do alto, conseguíamos ver a cidade sendo “devastada” pelos redemoinhos de vento. Eu fiz uma cabaninha de travesseiro para mim e para minha irmã, para nos proteger. [...], mas o medo de morrer estava lá. Quando o redemoinho passou por nós, sobrevivemos. Muitas pessoas morreram e outras não. As que sobreviveram, foram levadas pelos ministros do Brasil, eles seguiam a ordem do presidente Bolsonaro. Fomos colocados enfileirados, para fazer um exame de sangue, para ver nossa saúde. Eram muitas pessoas. Liz, 26 anos, 20 de maio de 2020 (RODRIGUES *et al.*, 2021, p.138-139).

O primeiro lugar-de-mundo da sonhadora é um ambiente descontraído, um encontro com os amigos no bar. Liz se localiza temporalmente “no momento que tudo já havia retornado”. Em maio de 2020 essa expressão possui o sentido socialmente compartilhado de a

pandemia ter chegado ao fim. No princípio, sua única preocupação era encontrar suas amigas. Em pouco tempo, torna-se preocupação pela sua vida, a vida da sua irmã e até mesmo da população da cidade, pois todos estavam ameaçados por diferentes forças da natureza. Os ataques ocorrem de diversas maneiras e a sonhadora relata muito medo mesmo quando se percebe em um local seguro.

Ou seja, a afinação inicial de descontração não se sustenta. O que a princípio parece ter retomado uma normalidade de confraternização com amigos em um ambiente de aglomeração, logo se mostra igualmente arriscado. Assim, se de uma forma a existência da sonhadora está aberta para a possibilidade do fim da pandemia, podemos questionar se há “retorno” para a consciência da finitude e fragilidade humana escancarada por esse contexto.

Segundo Rodrigues *et al.* (2021), a iminência de desastres naturais foi recorrente nos relatos coletados durante a pandemia. Nesse sonho, não há uma delimitação clara entre as construções humanas e a natureza, os ambientes se misturam. Nem mesmo entre o corpo humano e o animal, visualizado na forma da coruja-mulher. O modo dessa criatura se comunicar também era híbrido, “ela fazia som de ave e falava a nossa língua”. Entretanto, esse entrelaçamento não se revela a partir de uma simbiose harmônica, mas no sentido de invasão ou hostilidade. A ave-mulher diz em tom ameaçador - segundo comentário posterior da própria sonhadora - para se protegerem do “período da folhagem”, referência a um elemento da vegetação. O primeiro ataque vem de pássaros que se embaraçam nos seus cabelos. Penas e folhas são o que restam deste ataque. Em seguida, redemoinhos de vento destroem a cidade e matam muitas pessoas. Até mesmo no final, quando é colocada em uma fila, existe a possibilidade de encontrar algum problema biológico diagnosticado no exame de sangue, ainda que não saibamos o que exatamente está sendo testado.

Bom, se analisarmos de modo objetivo, a principal distinção entre civilização e natureza é a técnica, onde a civilização busca controlar a natureza. Mas, é justamente a falta de controle do homem em relação ao ambiente que o cerca que se sobrepõe nesse sonho. Isso se dá de tal maneira que coloca Liz e todas as pessoas ao seu redor em perigo. Ainda que o homem-técnico tente dominar o mundo que o cerca, Liz se depara justamente com a angústia perante o que escapa desse domínio. Seja a impotência de conter meros pássaros a redemoinhos gigantes, seja o que acontece dentro do seu próprio corpo físico. Neste sonho, surgem elementos naturais - traços animais e vegetais na sonhadora, que ela vivencia como doença no sonho.

Figuras políticas se desvelam no sonhar como ministros que levam, a mando do presidente Jair Bolsonaro, os sobreviventes da cidade destruída para fazerem exames de

sangue. Aqueles que governam os demais não são encarados como apoio, mas impera um distanciamento pela ausência de comunicação com o restante da população, que apenas “foram levados e enfileirados”. Apesar de a testagem na pandemia ser algo muito falado, Liz não menciona Covid-19. Na verdade, o que chama atenção na cena é a falta de informação a respeito do que acontece aos sobreviventes, incluindo a sonhadora. A questão subentendida é a possibilidade de haver algo de errado com a saúde de todos, mas que não é nomeado. Ninguém, nem mesmo ela, questiona a ordem dos ministros ou busca compreender melhor o contexto. Seguem passivamente as ordens, evidenciando novamente uma espécie de impotência.

Se no primeiro ataque, Liz e sua irmã são alvos diretos dos pássaros, no segundo, elas observam de um lugar alto e à distância a cidade ser devastada. Apesar de protegida dessa vez, sua existência ainda está tomada pelo medo por ela e sua irmã. No terceiro momento, enquanto aguardava na fila, a sonhadora constata um número considerável de pessoas que estavam na mesma situação que ela. Há um grande número de amigos próximos a que sua existência está aberta para que apareçam. Seja em momentos de lazer, como no bar após a pandemia, seja em situações difíceis, como fugir de redemoinhos pela cidade. Entretanto, sua irmã é a única pessoa que a acompanha do início ao final dos acontecimentos. Contudo em nenhum momento ela se expressa sobre o que se passa, sendo levada de um lugar a outro pelos caminhos da própria sonhadora.

A depender do que lhe é revelado no seu mundo onírico, a sonhadora se porta de três modos: tentando encontrar seus amigos, se protegendo ou protegendo sua irmã. Os amigos aparecem principalmente nos momentos de lazer. Mesmo quando suas amigas fogem para o bar da esquina com Liz, sua preocupação se volta para si mesma e sua irmã. Neste momento, ela faz uma cabaninha de travesseiros para impedir que redemoinhos matem as duas. Além da necessidade de resguardar sua irmã, também chama atenção sua escolha por uma cabaninha de travesseiros. Liz tateia, ainda sem muita crítica, a fragilidade da proteção que pode oferecer a ambas. A cena remete ao período da infância, quando costumamos brincar de cabaninhas que acreditamos serem fortes o suficiente para barrar tornados. A sonhadora poderia ser questionada se apesar de se ver cumprindo uma função protetora, ela ainda não se sente apta para tal, como se antes precisasse amadurecer. Além disso, poderia ser explorado sua própria necessidade de ocupar esse lugar de proteção.

Neste caso, a obra do qual esse relato foi extraído também continha trechos tanto das associações que a sonhadora enviou no mesmo formulário em que narrou seu sonho quanto da escuta oferecida posteriormente. Embora não nos interesse sua interpretação psicanalítica,

cabe destacar uma informação da própria biografia de Liz que corrobora para com a análise realizada até aqui. Nas próprias associações da sonhadora:

[...] Perdi minha mãe há poucos meses e penso que pode ter relação a necessidade de proteger minha irmã e me proteger. [...] acho que a falta da minha mãe me faz querer proteger mais minha irmã. Transferi a preocupação para ela [...] agora que falta a pessoa que mais nos protegia (RODRIGUES *et al.*, 2021, p.139).

Não foi Liz, mas a psicanalista que lhe escutou posteriormente quem transformou a criatura metade coruja e metade mulher em “mãe-coruja”. Ademais, o “protejam-se” que a sonhadora percebeu como ameaça foi modificado pela analista em apelo preocupado de uma mãe-coruja.

Assinalei especificamente a fala da mãe-coruja no sonho, marcando a preocupação desta para que Liz e sua irmã se protegessem. Liz pareceu surpresa com a associação. Compreendera, ao contrário, que o “protejam-se” dito pela figura que ela viu como uma ave-mulher era uma ameaça, não um apelo para que ela e sua irmã encontrassem abrigo (RODRIGUES *et al.*, 2021, p.140).

Para uma leitura fenomenológica, é imprescindível respeitar como os entes se revelam. Por isso, a ave-mulher, que em momento nenhum do sonho foi a mãe de Liz, se manterá uma ave-mulher que diz para ela e sua irmã se protegerem como uma ameaça. A ave-mulher do sonho integra os aspectos humanos e animais, civilizados e selvagens, controláveis e incontroláveis que a sonhadora ainda não.

Desperta, sem transformar uma criatura em outra, Liz já conseguia associar a sua experiência onírica de tentar se proteger e proteger sua irmã com sua própria vivência em vigília. Dito de outro modo, Liz conecta o desamparo diante da perda da mãe, a quem considerava sua figura protetora e o aumento da sua preocupação para com a irmã com o seu sonho. O desamparo e a busca por proteção são observáveis no sonhar, ainda que não tivéssemos acesso a informações biográficas da sonhadora. Isso porque o trabalho daseinsanalítico com sonhos compreende a analogia que há entre os modos de se relacionar com os entes oníricos e a história biográfica daquele que sonha. Segundo Boss (1979), sermos fundamentalmente históricos implica em sermos afetados pelo que vivemos no passado e o que pretendemos fazer no futuro agora em nossas vivências presentes. Assim, o sonho, como mais um modo de existir, também é impactado pela historicidade do Dasein. Logo, é revelador de como ainda nos relacionamos com eventos passados.

3.3 O sonho de Anna

Estava num prédio muito alto, imagino que no vigésimo andar. Não era um prédio luxuoso, mas era aparentemente sólido e com uma estrutura bacana, além de visualmente bem decorado. Por algum motivo que não sei exatamente qual, tive que sair de forma urgente, poderia ser um incêndio, poderia ser um curto-circuito apenas... mas o fato é que não poderia usar o elevador. Então corri para a escada e quando a encontrei fiquei muito chocada, pois o prédio havia “se virado em seu eixo”... tipo, invertido os lados... e a escada ficou virada para a parede, além de ter aberto um buraco, um vão da altura dos andares. Além de a escada ficar aparentemente inacessível por “começar na parede”, a fenda muito larga que se abriu me impedia de sequer tentar chegar até a parede das escadas. Olhava o tamanho do buraco e a altura em que estava e sabia que seria impossível. Fiquei muito desesperada por estar encurralada ali e tive clareza de que não conseguiria me salvar, meu sentimento era de pânico, muito real e até físico, tanto que acordei muito assustada e impressionada com tantos detalhes e a clareza com que eu via minha morte. Anna, 38 anos, 20 de maio de 2020 (IANNINI *et al.*, 2021b, p.33-34).

O lugar-de-mundo de Anna é impessoal, inabitado e fragilizado. Apesar de se apresentar, em um primeiro momento, como um prédio bem estruturado e decorado, logo começa a apresentar falhas: oferece riscos, o elevador não funciona, vira o seu eixo e fica sem saída. A boa aparência do local se revela mera fachada. A sonhadora se encontra em um ponto alto e tenta descer sem sucesso. Anna se percebe em um lugar que traz receio e desperta a necessidade de fugir urgentemente, mesmo que ainda não tenha o conhecimento de algum perigo concreto. Aparentemente, nada barra o elevador, ela apenas conclui que não pode usar a via de acesso mais fácil para escapar. O prédio é um espaço fechado, que, neste caso, restringe e isola Anna. Pode-se questionar se em alguma medida sua existência chegou a um ponto apenas aparentemente alto e estável, e agora, começa a desconfiar da fragilidade dele, ao mesmo tempo em que não vê outras possibilidades, sentindo-se "encurralada", parafraseando a mesma.

Além disso, o prédio não parece ser um ambiente familiar, como sua casa ou qualquer outro local conhecido por ela. É um espaço genérico. Em nenhum momento há sinal de perigo tangível, seja incêndio, curto-circuito ou qualquer outra coisa. O único acontecimento externo à sonhadora foi o prédio, supostamente de boa estrutura, “virar o seu eixo” de modo que as escadas se voltaram para a parede. O lugar-de-mundo de Anna literalmente perde o seu sentido. Desse modo, podemos questionar também se a sonhadora nota essa perda de sentido no lugar que ocupa também em vigília. “Lugar” aqui não se restringe ao local, mas ao seu mundo existencial, no qual envolve relações interpessoais, história pessoal, projetos de vida e modos de existir.

Um dos pontos que chama a atenção é justamente a quais fenômenos a existência da sonhadora não está aberta: pessoas. Apesar desse espaço imenso, um prédio de aproximadamente vinte andares, ninguém mais participa do mundo onírico da Anna, nem

mesmo à distância, o que levanta a pergunta do quanto essa existência, até mesmo em vigília, tem permitido a presença e a aproximação do outro.

Dos três sonhos analisados, todos envolvendo a necessidade de se proteger de algum risco, talvez seja esse o que revela maior vulnerabilidade existencial. O que fica implícito na descrição é que sem o elevador e sem as escadas, a única forma de escapar é em queda livre pelo buraco que se abriu, o que pode representar a sua morte ou, no mínimo, uma queda brusca, sendo aqui, um despencar da altura do prédio bem arrumado para nível da rua, do chão. Mas permanecer naquele andar é vivido pela sonhadora como iminência de morrer. Assim, de uma forma ou de outra, Anna se vê sem uma saída que considera segura. A falta de caminhos possíveis era tamanha que, em suas palavras, acordou assustada pela clareza com que via a sua morte.

Como nos dois relatos anteriores, a afinação preponderante é de medo. Essa foi uma constante na maioria dos relatos explorados na obra organizada por Dunker *et al.* (2021). Tais autores hipotetizaram sua relação com o período que estamos vivendo em vigília, que também envolve preocupação pela nossa própria vida e daqueles que amamos. Entretanto, cabe destacar que Boss (1974), muito antes do surgimento do novo coronavírus, já havia constatado a ocorrência significativamente maior de conteúdos oníricos que geram algum tipo de desconforto no sonhador. A isso atribuiu o fato de que nos sonhos, os entes se revelam principalmente de forma sensorial perceptível, portanto, são presenças imediatas e excessivamente próximas. Para Boss (1974) essa aproximação sensorial pode ser impressionante, ameaçadora e desagradáveis. Essa é, pois, uma possível explicação sobre a predominância de relatos envolvendo essa tonalidade afetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser mobilizada de modo tão íntimo pelo sonhar, questioneei diversas vezes a escolha do tema como trabalho de conclusão do curso de especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e análise existencial (UFMG). Até o último momento, indaguei se eu deveria prosseguir com o meu desejo inicial e como sustentar a minha justificativa de pesquisa. Não por duvidar da potência da análise de sonhos enquanto um recurso psicoterapêutico, mas por não partir necessariamente de uma experiência prévia da minha prática como profissional. Em novembro, durante uma reunião da disciplina de Metodologia Científica com a Prof^a Adriana Caldeira, para definir o meu objeto de pesquisa, fui orientada a escolher um tema que realmente me instigasse e me movesse com paixão. O que foi o ponto final para a decisão de mergulhar nessas águas profundas que são os sonhos.

Como exposto no primeiro capítulo, o fascínio pelo conteúdo onírico acompanha a trajetória da civilização humana, e muitas vezes, teve um papel ativo em definir os seus rumos (BINSWANGER, 1930/2002). Historicamente, no campo da Psicologia, houve um predomínio de explicações biológicas e psicanalistas nos estudos científicos sobre os sonhos. Nesta última, os relatos são encarados como realizações de desejos inconscientes a serem decifradas por analista e cliente. Na *Daseinsanalyse*, Binswanger (1930/2002), ao considerar o sonhar como manifestação das estruturas fundamentais da existência humana, se tornou prelúdio para Boss (1979) compreender o sonhar como um modo de existir e formular uma análise propriamente fenomenológica dos seus conteúdos com base nos traços existenciais do *Dasein*. Suas considerações práticas em *Na noite passada eu sonhei* foram essenciais para orientar as análises realizadas na presente monografia.

No Brasil, os sucessores das abordagens fenomenológico-existenciais se distanciaram do tema (SANTOS, 2008; MILHORIM *et al.*, 2013). Na verdade, hoje em dia, é algo pouco discutido em todo o campo da Psicologia e pela sociedade de modo geral (MILHORIM *et al.*, 2013). Entretanto, durante a pandemia do novo coronavírus, Dunker *et al.* (2021b) relataram uma mudança deste cenário em uma busca crescente da população por compartilhar suas experiências oníricas. Em um curto período, o mundo mudou drasticamente e nossos sonhos também acompanharam essas transformações. A obra *Sonhos confinados em tempos de pandemia*, organizada por Dunker *et al.* (2021a), contém uma quantidade significativa de relatos oníricos, constituindo um importante acervo daqui em diante para os estudos na área. Além disso, a análise realizada pelos próprios autores, a partir de um viés psicanalítico em

consonância com uma leitura política, permitiu apresentar as diferenças para com a análise fenomenológica, não apenas teoricamente, mas de modo prático.

Não foi uma tarefa fácil me debruçar sobre relatos escritos durante a pandemia de Covid-19, justamente por estar vivendo neste mesmo contexto e sendo, portanto, afetada por ele. A maioria das narrativas trazia medo e desamparo como tonalidades preponderantes. Em alguns momentos, me deparei com o quanto tais afetos também têm predominado e influenciado minha própria abertura de mundo. Escrever sobre mais de quinhentas mil mortes devido a um problema para o qual havia e há alternativas, como maior incentivo às medidas de isolamento social e vacinação em massa, é trazer à tona a crise política e o projeto de extermínio que estamos sofrendo. Espero que minha escrita tenha possibilitado uma aproximação com a experiência de algumas dessas sobreviventes até o momento dos seus relatos.

A principal limitação deste trabalho é também a sua maior justificativa para ter acontecido: a escassa produção acerca da análise de sonhos na perspectiva da Daseinsanalyse. Por um lado, isso significa que há pouco material que sirva de referencial para quem deseja se aprofundar no tema. Por outro lado, torna ainda mais imprescindível que os primeiros passos sejam dados nesse sentido. Assim, espero que essa leitura desperte a curiosidade de futuros pesquisadores na área, pois são necessárias constantes discussões e revisões acerca da análise fenomenológica de sonhos para que sua sistematização teórica acompanhe as demais produções sobre essa abordagem.

Faz-se necessários mais estudos explorando a aplicação desse método para orientar profissionais de abordagem daseinsanalítica. Enquanto psicoterapeuta, após todo o percurso aqui realizado, reafirmo minha aposta na potência de nos debruçarmos sobre a análise de conteúdo onírico como possível recurso para o desvelamento dos modos de ser daqueles que atendemos. Mas a preparação de profissionais para uma análise cuidadosa e responsável, que não a transforme em mais uma técnica a ser aplicada indiscriminadamente, só será possível a partir de um arcabouço teórico amplo e aprofundado.

REFERÊNCIAS

BIENARTH, A. Terceira onda de covid-19 deve acelerar mortes nas próximas semanas, alertam especialistas. **BBC News Brasil**, São Paulo. 15 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57450123>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

BINSWANGER, L. O sonho e a existência. **Natureza Humana**, São Paulo, v.4, n.2, p.417-449, dez. 2002 (1930). Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2020.

BOSS, M. **Angústia, culpa e libertação**: Ensaio de psicanálise Existencial. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades. 1981. 77p.

_____. **Na Noite Passada Eu Sonhei...**, 3ª ed. São Paulo: Summus, 1979.

BOSS, M.; CONDRAU, J. Análise existencial – daseinsanalyse: como a daseinsanalyse entrou na psiquiatria. **Revista Daseinsanalyse**, São Paulo, n. 2, p. 5-23, 1976.

BRASIL. **Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde**. 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 28 jun. 2021

BRUM, E. Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma “estratégia institucional de propagação do coronavírus”. **El País Brasil**, 21 jan. 2021. Disponível em: Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html> Acesso em: 28 jun. 2021.

CYTRYNOWICZ, D. Abordagem fenomenológico-existencial dos sonhos II. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. São Paulo, v.6, p. 31-43, 1985.

DUARTE, A. M.; CÉSAR, M. R. A. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. *Educação & Realidade* [online]. 2020, v. 45, n. 4 [Acessado 28 junho 2021]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-6236109146>>. Epub 11 Jan 2021. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/2175-6236109146>.

DUNKER, C.; PERRONE, C.; IANNINI, G.; ROSA, M. D.; GURSKI, R. (Orgs.). **Sonhos Confinados**: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. 255p

DUNKER, C. *et al.* Apresentação. In: DUNKER, C. *et al.* (Orgs.). **Sonhos Confinados**: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia. 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2021b. p. 7-22

DUNKER, C. *et al.* “Políticos”: Sonhos como apresentação perspectiva na pandemia. In: DUNKER, C. *et al.* (orgs.). **Sonhos Confinados**: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia. 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2021c. p.187-213

EVANGELISTA, P. E. R. A. **O que pode um psicólogo fenomenológico-existencial: Questionamentos e reflexões acerca de possibilidades da prática do psicólogo fundamentadas na ontologia heideggeriana.** 2015. 242 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos.** In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 2ª ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987 (1900).

GURSKI, R.; PERRONE, C. “Contelação”: Sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia. In: DUNKER, C. *et al* (orgs.). **Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia.** 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2021. p.105-125.

IANNINI, G. *et al.* Pós-Escrito... Um ano depois. In: DUNKER, C. *et al.* (orgs.). **Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia.** 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2021a. p.23-32

IANNINI, G. *et al.* “Casa”: Sonhos infamiliars. In: DUNKER, C. *et al* (orgs.). **Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia.** 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2021b. p. 33-67.

IANNINI, G. *et al.* “Presente”: Tempos de sonhar. In: DUNKER, C. *et al.* (orgs.). **Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia.** 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2021b. p.68-103

MILHORIM, T. K.; CASARINI, K. A.; SCORSOLINI-COMIN, F. Os sonhos nas diferentes abordagens psicológicas: apontamentos para a prática psicoterápica. **Revista SPAGESP,** Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 79-95, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702013000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 nov. 2020.

O'CONNOR, A. Nem todas as pessoas sonham colorido, dizem cientistas. **Portal G1,** 02 dez. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL886539-5603.00-NEM+TODAS+AS+PESSOAS+SONHAM+COLORIDO+DIZEM+CIENTISTAS.html>>. Acesso em: 28 jun. 2021

POMPEIA, J. A. A Terapia e a Era da Técnica. In: **Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica.** Rio de Janeiro: Via Verita. 2011. p. 153-170.

RODRIGUES, C. *et al.* “Mulheres”: Mãe, sonhei com você: contar o trauma. In: DUNKER, C. *et al.* (orgs.). **Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia.** 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2021. p.126-163.

ROSA, M. D. *et al.* “Despertar”: Você me dá seu sonho? Por uma política do despertar. In: DUNKER, C. *et al.* (orgs.). **Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia.** 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2021c. p.214-235.

SANTOS, G. A. O. Realizando o imaginário: da concepção sartreana sobre os sonhos à uma clínica existencial do sonhar. **Psicologia Revista (Belo Horizonte).** Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 235-250, jun. 2008. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 nov. 2020.

SANTOS, Í. P. A. Fenomenologia do onírico: a gestalt-terapia e a daseinsanálise. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 36-43, mar. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 nov. 2020.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100005>.

_____. Sonho e alucinações visuais: Propostas fenomenológicas para sua compreensão, interpretação e intervenção psicológica. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 343-352, jul. 2006. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 nov. 2020.

VALENTE, J. Covid-19: boletim epidemiológico mostra aumento de casos e óbitos. **Agência Brasil**. 18 jun. 2021. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-10-02/especialistas-divergem-sobre-ascensao-d-a-nova-classe-medi>>. Acesso em: 28 jun. 2021.